

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Carolina Aparecida Gonçalves¹⁰

Resumo: Este ensaio visa relatar a experiência do ato de apoio à greve dos professores do Estado de São Paulo, em abril/ 2013, realizado por discentes do ensino médio no município de Campinas/ SP. Este ato foi construído a partir do debate surgido na atividade de greve realizada pelo professor de sociologia e bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) acerca do cenário da educação presente na rede pública de ensino, tendo a greve dos professores como fato concreto norteador deste processo de reflexão sobre o ensino público. Trata-se da apresentação da contribuição da sociologia como disciplina no ensino médio para a formação pessoal e política dos discentes.

Palavras - chave: Educação pública. Formação. Sociologia.

Introdução

A proposta deste relato sobre a organização discente para a execução de um ato público em apoio à greve dos professores da rede estadual de São Paulo em abril/ 2013 consiste em propor uma reflexão de como o ensino de sociologia no ensino médio desdobra-se de um espaço na sala de aula reservado para pensar as questões pertinentes ao campo das Ciências Sociais para um espaço no qual os discentes refletem e debatem questões do seu cotidiano, as quais se transformam em práticas realizadas para além do muro da escola. Apresentamos aqui uma forma de desdobramento da existência da sociologia como disciplina no ensino médio a fim de contribuir com o debate acerca do lugar ocupado por esta na construção da formação crítica dos discentes, assim como, as contribuições desta disciplina na prática social dos mesmos. O presente relato foi possível devido a vivência na escola pública proporcionada pelo Pibid (Programa Institucional de Iniciação à docência) financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

O Ato

Em 08 de maio de 2013 cerca de 60 discentes de uma escola da rede estadual, localizada em um bairro de periferia do município de Campinas, no estado de São Paulo, reuniram-se em frente

¹⁰ Bacharel em Administração Pública pela UNESP e graduanda em Ciências Sociais pela UNICAMP.

desta para realizar um ato de apoio à greve dos professores do Estado de São Paulo iniciada em abril do mesmo ano.

Este ato foi pensado pelos discentes num encontro realizado na segunda-feira (06/05/2013), na própria escola devido à iniciativa do professor de sociologia¹¹, o Drumond, e dos bolsistas Pibid pela Unicamp¹². O Pibid realiza atividades nesta escola há dezoito meses. Este encontro foi pensado inicialmente como atividade de greve com a finalidade de criar um espaço para discutir a mobilização dos professores. Isto porque, do quadro de docentes desta escola, apenas quatro deles aderiram à greve.

No primeiro bimestre letivo, Drumond e os bolsistas Pibid definiram, como conteúdo da disciplina, a especificidade da sociologia como ciência, tendo como base a possibilidade da mesma propiciar o estranhamento do ser social diante da sua realidade. Conforme Ianni (2011), o papel do professor de Ciências Sociais é desenvolver a crítica do senso comum. Portanto, com a proposta deste encontro, Drumond provocou os discentes a observarem a referida greve como uma situação complexa e multideterminada. O objetivo era suscitar o estranhamento dos discentes diante da banalização da mobilização dos profissionais da educação a fim de possibilitar, por meio do arcabouço teórico da sociologia, uma compreensão mais ampla e crítica do processo histórico da construção do ensino público no país, o qual neste período desdobrava-se numa determinada forma de mobilização da categoria profissional - a greve. A ruptura com o senso comum iniciava-se pelo fato de um professor grevista realizar um encontro com os discentes destinado a discutir a greve numa escola que não havia aderido à tal mobilização.

Fora decidido neste encontro que o ato seria realizado na quarta (08/05/2013) com o objetivo de expor para a comunidade a greve dos professores e o apoio às reivindicações destes por melhores condições de trabalho e contra a precarização da escola pública. Como ação, os discentes definiram o trajeto da passeata de modo a passar pelas principais ruas do bairro. Eles redigiram um panfleto¹³ para distribuir à comunidade e definiram a confecção de cartazes para expor as suas opiniões. Por fim, naquele mesmo dia, os discentes que participaram desta reunião - inicialmente composta pelos representantes de classe - passaram em cada sala de aula para informar e convidar seus colegas a participarem do ato.

A organização do ato começou às 6h30 em frente ao portão da escola. Os discentes e o Drumond faziam a abordagem daqueles que apresentavam dúvida entre participar do ato ou assistir

¹¹ Para facilitar a leitura do texto optamos por adotar o pseudônimo de Drumond para o professor de sociologia.

¹² Universidade Estadual de Campinas

¹³ O título do panfleto escrito pelos alunos: "Se não existe a condição de ensinar, como vamos ter a condição de aprender?"

aula. Para tal abordagem, houve também a contribuição de professores que compunham o comando de greve¹⁴. Até às 7h, quando o portão da instituição fecha para a primeira aula, havia uma funcionária da referida escola, a qual pressionava os discentes para irem à aula com a seguinte posição: “se o aluno for entrar para a aula, que entre logo e pare de enrolar na frente escola”. Esta atitude dificultou a construção do ato devido a interrupção da conversa com aqueles que estavam com dúvidas diante desta mobilização. Houve a confecção dos cartazes com frases que questionavam a falta de professores na escola, as condições precárias da educação, as dificuldades de aprender no formato atual da escola pública, dentre outras problemáticas da educação pública.

Neste período de organização do ato houve um momento de tensão entre discente e diretor. O conflito iniciou com a brincadeira de um discente esconder o celular da colega de classe. A proprietária do celular informou a uma professora que não participava do ato o fato. A professora por sua vez, começou a exigir do aluno a devolução imediata do celular e elevou o tom de voz, utilizou-se de palavras ofensivas, como por exemplo “devolva este celular, seu moleque!”. Na ocasião o diretor da escola, na tentativa de resolver o problema, utilizou-se de sua autoridade para humilhar o jovem.

O diretor declarava, aos berros, a insubordinação do discente e que o mesmo deveria entrar para assistir aula e parar com aquela baderna no portão da escola. O discente não sentiu-se intimidado em não acatar tal ordem com base no argumento de que ali, o diretor não pode repreendê-lo- “aqui não faz parte da sua jurisdição”. Este também utilizou-se de ameaças para forçá-lo a entrar na escola. Primeiramente a suspensão de uma semana de aula e, por fim, expulsão. Devido à resistência do discente e o apoio que este recebeu por aqueles que presenciaram o conflito, o diretor recuou.

Após este incidente, Drumond iniciou uma conversa com os presentes com o intuito de ressaltar a relevância do ato de organizar-se como meio de debater e agir frente às questões impostas pelo nosso cotidiano, como a educação na escola pública. Ele também apontou aspectos das atuais condições da escola pública brasileira, as quais sustentavam as reivindicações dos professores, como por exemplo, a elevada carga horária, os baixos salários, o número insuficiente de professores concursados. Para então, discutir o instrumento de luta escolhido pelos profissionais da educação: a greve. Neste primeiro momento de debate aberto, a preponderância das falas fora dos professores. Porém, quando se colocou o ato como objeto de debate, os discentes colocaram-se à frente para

¹⁴ O comando de greve é constituído por um grupo de professores responsáveis por visitar as escolas que ainda não aderiram ao movimento de greve com a finalidade dialogar com professores, técnicos administrativos e direção acerca do cenário da mobilização com a finalidade de ampliar a adesão dos profissionais da educação ao movimento reivindicatório. Vol.3, Nº2. Maio de 2014.

redefinir o percurso e escolher aqueles que ficariam responsáveis por entregar os panfletos. Começamos a caminhar.

Ao longo do percurso, eram entoadas palavras de ordem junto com o uso de apitos para fazer “barulho” a fim de chamar a comunidade para rua. Os discentes responsáveis pela entrega dos panfletos destacaram-se uma vez que a cada pessoa abordada, estes conversavam e expunham o porquê do ato. Eles estavam empenhados em conversar com a comunidade e queriam ser ouvidos. O ato tornou-se um espaço para eles manifestarem-se para além dos muros da escola. Esboçou-se um espaço para falar e ser ouvido. No ato, os discentes colocaram-se como protagonistas diante da greve dos professores ao definirem coletivamente uma posição, e por conseguinte, uma prática frente a esta questão.

O encerramento do ato consistiu num momento para discutir as impressões geradas ao longo da passeata. Drumond apontou a relevância da organização dos discentes em torno de uma questão comum à todos: as condições atuais da educação pública. Os discentes organizaram-se tanto para pensar a escola quanto para reivindicar suas demandas. Ele ressaltou também a relação das aulas de sociologia com a prática da mobilização por meio do exercício do questionamento da ordem social vigente, ou seja, o convite aos discentes à problematizarem o seu cotidiano a partir de uma situação concreta: a configuração da greve atual dos profissionais da educação, e por conseguinte, a instituição escolar e a educação pública.

Diante deste cenário de rompimento dos muros da escola, onde a problematização proposta pela sociologia ocorre numa vivência distinta da sala de aula, lembramos de uma das noções preliminares sobre a escola apontada por Antônio Cândido (1956), na qual esta deve ser compreendida por meio da confluência entre as relações constituídas no interior da estrutura escolar e as relações oriundas da sua existência como grupo social. Os discentes colocaram a necessidade de estabelecer uma comunicação com a comunidade a fim de expor as condições de existência da sua escola e a confluência destas com o movimento de greve do setor da educação.

Dentre as impressões expostas, houve a discussão sobre o embate entre o discente e o diretor. O primeiro ponto levantado era o questionamento da forma como a autoridade do diretor foi manifestada na situação descrita acima. Os discentes apontaram para o abuso do poder instituído pelo cargo de diretor frente os demais da comunidade escolar como meio de subjugação. Neste momento, alguns jovens expuseram exemplos de outras situações, nas quais a figura do diretor utilizou-se do cargo para impor-se diante da comunidade escolar. Em seguida, o discente que foi protagonista no conflito com o diretor pediu a compreensão e o apoio dos colegas para quando houvesse a retomada das aulas este acontecimento fosse exposto à escola como exemplo da forma

como as relações escolares estão configuradas. Ele também expôs a sua indignação sobre a forma do convívio existente na sua escola, sendo esta um espaço de sofrimento e não de aprendizado, desprovida de sentido. Este depoimento foi o estopim para outras manifestações acerca dos sentimentos em relação à instituição escolar.

Por fim, a dúvida que pairou fora o que fazer depois do ato. A resposta imediata foi: “o que restava era voltar para casa e dormir”. Diante disto, uma das bolsistas Pibid apresentou a necessidade de todos pensarem o que fazer depois daquele momento de reivindicação; como pensar a organização dos alunos. O que eles querem? O que é preciso fazer em relação à escola? Perguntar-se sobre o que os outros alunos de escola pública estavam pensando e fazendo em relação à greve dos professores? A partir desta colocação, uma discente expôs a necessidade de organização do grêmio estudantil (tema tratado anteriormente em sala pelo Drumond) como espaço de resistência e de expressão dos interesses dos discentes, tendo como proposta a realização de reuniões com aqueles que participaram do ato para discutirem a construção do grêmio.

Considerações finais

Apesar da passeata não ter sido presenciada por grande parte da comunidade nas ruas, a realização deste ato trouxe algo de novo para esta - a manifestação coletiva e organizada de jovens que moram e estudam no bairro. A eclosão da greve dos professores da rede pública de São Paulo atribuiu centralidade ao debate da educação pública na comunidade escolar. O convite à problematizar esta greve feita por Drumond aos seus alunos desdobrou-se na mobilização destes frente o cenário atual da educação no Estado de São Paulo, ou seja, a realização do ato acima descrito. A proposta deste ato surge a partir da construção de um espaço de debate onde os discentes atuaram como protagonistas, sujeitos que optaram por fazer o exercício de construir coletivamente uma posição política frente uma determinada questão. Debate no qual eles pudessem ter voz e ser ouvidos.

O debate sobre as condições objetivas e subjetivas de existência da escola era objeto de reflexão de todos e não apenas um tema a ser apresentado numa aula. O objeto pertinente às ciências sociais, a escola e a inserção crítica desta na organização social capitalista, não era apenas atribuído ao professor, mas a todos os participantes do debate. Como ressalta Florestan Fernandes (1985), o ensino de sociologia tem o objetivo de propiciar ao aluno “uma posição objetiva diante dos fenômenos sociais, estimular o espírito crítico e a vigilância intelectual”. A realização deste debate permitiu a identificação por parte dos discentes da necessidade de manifestar-se diante das questões que permeavam a greve de professores, o que resultou no ato.

Após o acompanhamento do ato, contemplamos que este tornou-se espaço para os discentes vociferarem as indignações com o modelo de escola vivenciado, compartilharem as angústias oriundas do ambiente escolar e reivindicarem por melhorias na educação pública. Eles vivenciaram a possibilidade de construir outros espaços para além dos estabelecidos, no qual possam expressar suas opiniões e indagações. Isto é, os jovens assumiram a posição de protagonistas na construção de uma prática política organizada. A opção pelo ato possibilitou a vivência de organização de uma mobilização política por parte destes jovens. Como também, propiciou aos mesmos a percepção da necessidade de organizarem-se tanto para reivindicarem, como por exemplo, mais professores na escola, quanto para se defenderem, como exemplo, dos abusos da gestão escolar.

Em decorrência à mobilização, o evento com o diretor mostrou-se como mais um fator que evidencia aos discentes a configuração da estrutura escolar, a qual todos estão submetidos. Portanto, um fato que contribuiu para a construção da solidariedade entre os discentes, uma vez que permite a estes identificarem-se uns aos outros como sujeitos submetidos há um mesmo cenário social e político. O ato também contribuiu para a aproximação dos debates teóricos sobre o viver do ser humano em sociedade proporcionados pela disciplina de sociologia ao cotidiano dos discentes por meio da problematização da banalização da greve dos profissionais da educação. Isto significou a apresentação de teorias pertinentes ao campo da ciências sociais aos jovens como instrumento de indagação e reflexão de contextos oriundos da sua vivência social.

Por fim, a partir de uma interferência concreta no cotidiano dos discentes, a greve dos professores, foi possível a construção de um espaço no qual estes jovens pudessem expor suas opiniões; ver-se como sujeitos de uma prática política; ter a vivência de organizar-se para mobilizar-se diante de uma questão e, por conseguinte, a identificação da necessidade de organizar-se como meio de expressão e reivindicação. Como também expressou a contribuição da sociologia para o desvelamento do cotidiano e a colocação da escola como objeto de reflexão pertinente não apenas aos professores das ciências sociais, mas também aos discentes.

Referências bibliográficas

CÂNDIDO, Antônio. A Estrutura da Escola, Separata de Educação e Ciências. *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*: Rio de Janeiro, 1956.

FERNANDES, Florestan. O ensino de Sociologia na escola secundária brasileira. *Primeiro dossiê de ciências sociais*. São Paulo, Ceupes-USP/CACS-PUC, pp. 46-58, 1985.

IANNI, Octavio. O ensino das Ciências Sociais no 1º. e 2º. graus. *Cadernos Cedex*, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 327-339, set. -dez. 2011.